

Resenha

O clube do livro ***The book club***

Vicentônio Regis do Nascimento Silva*

MARIA, Luzia de. **O clube do livro**. São Paulo: Globo, 2009, 335p.

As obras, as discussões e os encontros científicos em torno dos estudos e das propostas de letramento literário têm recebido grande destaque não apenas nas graduações de Letras e de Pedagogia, mas também nas especializações de ambas as ciências que afinam o tom em prol da formação de leitores. Pensando no diálogo entre Literatura e Educação, Luzia de Maria – doutora em Letras pela Universidade de São Paulo, docente da Universidade Federal Fluminense e autora de mais de quinze livros – escolheu intencionalmente título lúdico para apresentar suas pesquisas e reflexões: “Clube do livro” questiona, já no subtítulo, a diferença que faz ser leitor.

A obra – de linguagem poética, fluente e persuasiva – compartilha os percursos da reflexão e os itinerários das ações apostando no tripé Educação/Literatura/Leitura e na perspectiva aristotélica segundo a qual a construção do conhecimento sucede gradual e linearmente. Os debates entre teoria e experiência, discurso e prática, professor e aluno enfatizam a relação de horizontalidade. As teorias sobre letramento literário são aperfeiçoadas constantemente pela experiência. Os discursos são contrabalançados em favor da prática. O professor não impõe, nem ordena, nem empurra goela abaixo, entretanto sugere, instiga, realça.

A substituição das relações de subordinação pelas de coordenação facilitam o contato com os livros. Cria-se identidade entre alunos, títulos e autores almejando, desde os primeiros instantes, a formação de leitores, mas não necessariamente de críticos literários. Luzia de Maria ressalta o cuidado com a apresentação visual: a compreensão do contexto passa pela curiosidade da leitura das imagens que precedem as palavras. Imagens e palavras constroem narrativas que não são restritivamente literárias, mas de interesse geral.

Como já mencionado, a intenção de formar leitores supera – mas não exclui – o interesse de conceber críticos literários. Desse modo, um jogo de palavras exalando mensagens subliminares misturadas à poesia disfarça os argumentos fortemente estruturados de persuasão à leitura, criando natural-

* Mestre em História pela Universidade Estadual Paulista, São Paulo.

mente um laço de intimidade com o leitor na medida em que respeita suas dificuldades, compreende os percalços, defende suas fragilidades:

A educação do gosto se faz por encontros, aos poucos, paulatinamente. E, se no início o jovem se apaixona pela história e pelos personagens, se chega à última página tendo a curiosidade como dinamismo e os lances do enredo a acioná-lo, quando acontecer o contato com as grandes obras da literatura, este jovem já terá um referencial para comparação. E, se defendo, com veemência, que o prazer da leitura é ingrediente básico, fundamental, indispensável na formação de leitores, não acho justo esperar que estudantes com pouca ou nenhuma leitura de obras literárias, às vezes nenhuma leitura de livro algum, comecem a ler pelas obras-primas. (MARIA, 2009, p. 44-45)

A crítica em relação às metodologias de ensino recai sobre equívocos ou escolhas improdutivas. De acordo com a pesquisadora, a aquisição do hábito da leitura consiste na prática, na experiência e, por fim, no aprofundamento teórico. Segundo seus levantamentos, boa parte das licenciaturas de Letras – e, por tabela, acreditamos que os cursos de Ensino Médio e de Ensino Fundamental atravessam problema idêntico – adota método oposto, privilegiando o estudo das teorias em detrimento/esquecimento da experiência e da prática.

A ausência de práticas e experiências prejudica a obtenção da competência leitora, conceito que privilegia a autonomia na busca de títulos, autores, temas e respeita o nível de compreensão do leitor comum. O leitor comum não é nem especialista nem teórico, mas seu rol de obras literárias – incluindo, nessa seleção, as canonizadas ou reverenciadas pelos profissionais – pode se ampliar gradativamente na medida em que o estímulo diversifica, confronta e discerne os protocolos de leitura, as nuances do repertório em formação.

Não apenas a competência leitora – que permite a ação idiossincrática – mas também a experiência de vida influencia na construção da individualidade e da identidade intelectual. As leituras – historiográficas, teológicas, econômicas, sociais, artísticas, filosóficas, psicológicas – facilitam o diálogo contextual: as experiências dos alunos/leitores são complexas e carregadas de novos significados e, portanto, não podem ser desprezadas.

É aquela experiência que vai acrescentando conhecimentos vários à nossa teoria de mundo, vai nos tornando capazes de formular melhores e mais promissoras previsões, seja diante dos textos ou dos infinitos desafios que a vida nos coloca permanentemente. É aquela experiência que, em geral, dorme em nossas memórias, sem a gente sequer se dar conta da existência dela, mas que

de repente irrompe e vai se juntar a alguma outra informação, promovendo conhecimento. (MARIA, 2009, p. 87-88)

São as experiências (leitoras e vivenciadas) que auxiliam na construção do repertório. São as experiências, salienta a pesquisadora, que deveriam ser incluídas nas grades curriculares, proporcionando aulas de Literatura que primassem pela prática leitora, bem diferentes das de estudo de Literatura. “A leitura e a literatura [...] são o caminho para uma educação capaz de dar conta dos desafios da complexidade, num tempo que exige de nós visão planetária” (MARIA; 2009, p. 100).

Orientando-se pelo incentivo à leitura, a obra ainda discute os problemas da formação leitora do professor, aposta na assimilação literária como peça na construção do conhecimento por meio da perspectiva libertadora e apresenta alguns frutos de experiências em escolas públicas, reunindo depoimentos de ex-alunos.

Por fim, o referencial teórico – que parte das sugestões implícitas ou expressas de Paulo Freire e Darcy Ribeiro à análise das considerações de Edgar Morin, passando por estudiosos da Literatura e do letramento – assume papel secundário numa obra que, desde as primeiras linhas, demonstra a intensidade da volúpia literária observada numa narrativa ágil, que provoca educadores, amantes de Literatura ou curiosos que tiveram a sorte de folhear o livro.

Correspondência

Vicentônio Regis do Nascimento Silva – Associação de Defesa e Proteção do Patrimônio Público e dos Direitos do CID. Rua Coronel Azarias Ribeiro – 936 – A. Caixa Postal 457. CEP: 19840-000 - Maracá, São Paulo.

E-mail: vicrenos@yahoo.com.br

Recebido em 25 de outubro de 2011

Aprovado em 16 de maio de 2012